

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Esta obra pertence ao acervo histórico da Faculdade de Medicina da Bahia, sob a guarda da Bibliotheca Gonçalo Moniz - Memória da Saúde Brasileira e foi tratada digitalmente no Centro de Digitalização (CEDIG) do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA através de um Acordo de Cooperação Técnico-Acadêmica, firmado entre a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, a Faculdade de Medicina da Bahia e o Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA.

Coordenação Geral: Marcelo Lima
Coordenação Técnica: Luis Borges

Junho de 2017

Contatos: poshistro@ufba.br / lab@ufba.br

EX-LIBRIS

BIBLIOTHECA GONÇALO MONIZ
MEMÓRIA DA SAÚDE BRASILEIRA



3
CONCURSO Á UM LUGAR DE OPPOSITOR

EM

SCIENCIAS MEDICAS.

THESE

APRESENTADA E PUBLICAMENTE SUSTENTADA

PERANTE

A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

EM 9 DE OUTUBRO DE 1862

PELO

Dr. Alvaro Moreira Sampaio. ✓



BAHIA

TYPOGRAPHIA DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.

Rua de Santa Barbara n. 2.

1862

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

DIRECTOR

O Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Dr. João Baptista dos Anjos.

VICE-DIRECTOR.

O EXM.^{mo} SR. CONSELHEIRO VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES.

LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES:

1.º ANNO.

MATERIAS QUE LECCIONÃO.

Cons. Vicente Ferreira de Magalhães	Physica em geral, e particularmente em suas applicações á Medicina.
Francisco Rodrigues da Silva	Chimica e Mineralogia.
Adriano Alves de Lima Gordilho	Anatoma descriptiva.

2.º ANNO.

Antonio Mariano do Bomfim	Botanica e Zoologia.
Antonio de Cerqueira Pinto	Chimica organica.
Antonio Januario de Faria	Physiologia.
Adriano Alves de Lima Gordilho	Repetição de Anatomia descriptiva.

3.º ANNO.

Antonio Januario de Faria	Continuação de Physiologia.
Elias José Pedrosa	Anatomia geral e pathologica.
José de Goes Siqueira	Pathologia geral.

4.º ANNO.

Cons. Manoel Ladisláu Aranha Dantas	Pathologia externa.
Alexandre José de Queiroz	Pathologia interna.
Mathias Moreira Sampaio	Partos, molestias de mulheres peçadas, e de meninos recém-nascidos.

5.º ANNO.

Alexandre José de Queiroz	Continuação de Pathologia interna.
José Antonio de Freitas	Anatomia topographica, medicina operatória, eapparelhos.
Joaquim Antonio de Oliveira Botelho	Materia medica, e therapeutica.

6.º ANNO.

Domingos Rodrigues Seixas	Hygiene, e historia de medicina.
Salustiano Ferreira Souto	Medicina legal.
Antonio José Ozorio	Pharmacía.

Antonio José Alves	Clinica externa do 3.º e 4.º anno.
Cons. Antonio Polycarpo Cabral	Clinica interna do 5.º e 6.º anno.

OPPOSITORES.

José Affonso Paraizo Moura	Secção Cirurgica
Augusto Gonçalves Martins	
Domingos Carlos da Silva	
Ignacio José da Cunha	Secção Accessoria.
Pedro Ribeiro de Araujo	
Rosendo Aprigio Pereira Guimarães	
José Ignacio de Barros Pimentel	
Virgilio Climaco Damasio	Secção Medica.
Antonio Alvares da Silva	
Demetrio Cyriaco Tourinho	
Luiz Alvares dos Santos	
João Pedro da Cunha Valle	

SECRETARIO.

O Sr. Dr. Prudencio José de Souza Britto Cotegipe.

OFFICIAL DA SECRETARIA.

O Sr. Dr. Thomaz de Aquino Gaspar

T
6121615
S

CONCURRENTES

OS SENHORES DOUTORES

Antonio Joaquim Rodrigues da Costa.

Graciano dos Santos Marques.

Jeronimo Sodré Pereira.

DISSERTAÇÃO.

Da importancia da Phisiologia em relação à Therapeutica.

I.

520

« *Deixai passar a justiça da historia.* »

A nova communhão scientifica quiz, á final, abraçar crenças mais fervidas e mais profundamente sentidas.

Os apostolos da Sciencia hodierna, apregoando outro evangelho, veem, em horisontes mais bellos e dourados, apontar, lá nas encostas daquella montanha, debruçada,—a imagem, que deve guial-os, á trazéz dos seculos, em seu caminhar perenne, ao ultimo marco da estrada.

É que uma força eterna, providencial, tende a impellur, em seus destinos, a geração actual, que se alevanta, cheia de vida e de esforços.

Ao sol radiante do progresso lá surge, pois, para os fastos da historia, uma nova era.

A Sciencia, em suas immortaes conquistas, em seu labutar incessante, já ouve bem de perto o echo de uma voz, que lhe diz:—caminhai! . . . e inspirada assim solta um brado de saudação á estrellá, que alagou-a de torrentes inexgotaveis de luz.

Quem não vê, em cada pagina da historia, um monumento, que se ostenta soberbo e gigantesco á face do mundo?

Porque descrêr da marcha continua, que leva, em sua missão gloriosa, a humanidade?

A duvida não pôde ser o *ultimatum* da razão. Será, sim, o fio intrincado, que, muita vez, nos deverá encaminhar na estrada escabrosa, que seguimos comoromeiros da Sciencia.

O septicismo foi o derradeiro gemido de desesperação,—o arquejar doloroso, que soltou, em turbilhões, a geração, que lá vae se sumindo nos fundos sorvedouros dos tempos.

Mas não penseis que forão perdidos todos os esforços dos operarios de hontem. Embora transviados, não pouparão fadigas; trabalharão e trabalharão muito.

Á nós—operarios de hoje—fôra grande crime lançar sobre sua fronte a maldição eterna.

Sim! « Como a religião e a liberdade, a Sciencia conta e venera tambem seus martyres. »

Como a religião e a liberdade, trasbordando de fé, aperta o seu symbolo sacrosanto; e jubilosa contempla a aurora resplandecente de sua restauração.

É que um pensamento audaz, altamente fecundo, busca dominar os senhórios da Sciencia.

É que a ideia regeneradora, que lá assomou, ha de correr, nas pompas da gloria, abrasada pelo mesmo fogo, até o porvir.

Esperamol-o.

III.

O espirito humano marcha sempre para a conquista da verdade.

Em suas nobres e grandiosas aspirações deve, porém, parar diante da barreira incommensuravel, que traçou-lhe a mão eterna e omnipotente.

Tentava—ainda *crysalida*—poder penetrar os arcanos inexecutaveis da natureza, e sorprendel-a *flagrante* em seu laboratorio central.

Louca ambição! . . . que não quer vêr junto àquella *laterna magica* a porta do labyrintho, que nos conduz à um mundo, talvez incomprehensivel, — que lá vai ter até a eternidade.

Nos mysterios de cada sciencia está, ha muito tempo, estampada a lei irrevocavel de seus limites.

Immutavel, como a essencia donde emanou, eu vejo nella a luz vastissima de tudo;—a unica, talvez, que nos póde abroquelar contra o grave delicto da usurpação.

Não diga-o muito embora a seita do *espiritualismo puro*; para ella só ha acabar nas especulações *ultramontanas*.

É preciso, que os ardentes campeões da nova lide de emancipação aceitem-na, como verdade sacramental; e, sobretudo, afagal-as sempre com o mesmo amor, com a mesma dedicação.

Tal é a magna missão, que lhes está fadada.

III.

De feito; a arvore da sciencia não podia medrar em terreno tam esteril e infecundo. A seiva, que lhe infiltrava, era de *morte*.

Era mister transplantal-a para terreno mais fertil.

Era mister, que a mão de novos e incansaveis cultores não deixassem-na, já secca e definhada, morrer sem alentos.

E é o que devia sel-o; porque é só debaixo de sua sombra, que podem abrigar-se, na jornada difficil e espinhosa, os caminhanes do progresso.

Não hão de cahir desfolhadas as mais bellas e caras crenças dessa pleiade brilhante.

Em suas nobres tentativas, não escôa perdido o tempo, que passa; porque em cada inspiração, que recebe, corre o orvalho vivificador de seus supremos esforços, — o proprio suor de seus campeadores.

Entretanto não é assim, que pensam os ardentes apostolos da antiga communhão.

Para elles só ha Sciencia no vago phantasiar de sua escandecida imaginação; de que dos seus dourados sonhos ha de rebentar a ideia regeneradôra de seus fôros, de sua dignidade.

Não! em tam tristes e apertadas conjecturas não pôde estar o futuro da Sciencia.

Outro, que não este, será o fanal, que deve illuminal-a.

IV.

Nas revoluções philosophicas, o movimento tem sido sempre progressivo; e, na posse legitima de tantas conquistas, ergue-se, cada vez, mais glorioso o seu estandarte.

Não ha negal-o!

Na esphera da criação eu vejo encarnado o movimento, como elemento consubstancial de todo progresso; e o espirito humano, em sua historia, ir marcando as epochas commemoraveis de seus destinos.

Elevando-se nas azas do *idealismo puro*, quiz, ainda em seu berço, encontrar a *pedra philosophal*, aonde deviam assentar-se os immensos materiaes da Sciencia. Debalde agitara-se em convulsões dolorosas, para achar o fio invisivel, mysterioso de suas concepções delirantes.

Foi o reinado despotico da *Philosophia intolerante*.

Ainda o digo: eu não sei, si é condição essencial de todo movimento intellectual as tendencias do espirito humano para solução do *insolúvel*, para realisação do *impossível*.

Sobre aquellas bases não erão possível assentar-se o monumento scientifico. Havia desmoronar-se ao primeiro combate do tufão, que rebentasse.

Não era mister ter bons e infatigaveis obreiros, e nem tão pouco acumular grandes materiaes; era preciso, além disso, que mais solida e duradoura amalgama os ligasse.

V.

Dos toldados horisontes da *Philosophia* antiga despontou o clarão vivificador de toda Sciencia.

De feito: Pythagoras concebe o universo, habitado por *principios activos*, que animam a materia. É a grande republica confederando as jerarchias de ordens secundarias.

Leuccion e Democrito só veem na esphera da creação um *puro acaso*. A materia, eterna e immutavel, é a luz suprema de tudo. Ahi vão lançados os fundamentos do *materialismo*.

A seita de Parmenido e Pyrrhon, sem creanças, sem principios, proclama o scepticismo, como Sciencia. É esse o criterio unico da verdade.

Mais tarde Platão lança as bases do *utra-racionalismo*. *Os nossos conhecimentos são as luzes, que inundarão nossa alma, antes de unida ao corpo.*

É a philosophia da *razão pela razão*.

O chefe da seita dos *peripatheticos* atira o golpe de estado á doutrina de seu contemporaneo. As sensações são a larga porta para nossas acquisições.

Era um novo impulso, que a *Philosophia* recebia em suas tendencias, em seus methodos scientificos.

Era, com effeito, uma luz vivissima derramada em seu seio; mas que devia, em poucos momentos, mergulhar-se nas densas trevas da idade media,—nos desconcertos lamentaveis de uma sociedade decrepita.

Entretanto, sobre ruinas destes seculos de barbaria e preconceitos, se alevantam os cerebros luminosos de Bacon e Descartes. E ante a scena maravilhosa dos immensos descobrimentos nas sciencias e nas artes, bafeja a aura benefica do renascimento da *Philosophia*, e com ella o sabio reinado da razão.

Abraçando em parte a doutrina do philosopho de Stagyrío, Bacon firma, em raízes bem profundas, os alicerces inabalaveis da *Philosophia positiva*.

Loock e Condillac são seus dignos e verdadeiros representantes.

Embora *racionalista*, Descartes não deixa também de influir sobre os progressos do espirito humano. Kant é seu continuador.

Mas, desta feita, a escola allemã traça melhor os limites da razão.

Contra as tendencias das duas escolas antagonistas, apparece Th. Reid. No criterio infallivel da verdade a escola escosseza só vê o guia mysterioso descido ao sopro do *sentido intimo*.

Esta, ao menos, modesta de mais, busca reprimir os excessos do *cartesianismo*.

Esboçando em ligeiros traços a marcha que tem levado, no descambar dos seculos, a philosophia, não se julgue que aventure-me á entrar em questões de alta monta.

Deixo aos mais versados essa ardua tarefa. Outra é a minha missão.

VI.

Como um globo de luz, eleva-se, pois, no templo da Sciencia, a *Philosophia positiva*.

Ahi ungidas pela mesma fê, abraçam-se, em amplexo fraternal, todas as Sciencias; e, embaladas em esperanças mais fadadas, não descreem do porvir.

E como duidal-o?

Não é ella, que fez desviar-os da senda tortuosa, que seguirão?

Não é ella mesma, que nos diz, no pensamento profundo de um dos seus primeiros apostolos:—« A Sciencia é um poder »?

Não é ella, afinal, que nos está apontando, nas azas do genio, os immensos trilhos da *perfectibilidade*?

O que serão os trabalhos ultteriores de tantos sabios, que rotearam o vasto campo das Sciencias physicas, si nella não houvessem inspirado?

Ainda ha pouco, altivos de algumas conquistas, procuravão, no meio do deda-lo das concepções metaphysicas, o *principio absoluto*, a *causa* intima dos factos de seu dominio.

Mas debalde; porque ao cabo de tudo isso ouviam o brado extrenuo, que lhes dizia:—Detende vossos passos nessa crusada ingloria; não caminheis sobre terreno tão movediço; porque mais adiante está um abysmo insondavel. Observai, sim, os variados phenonemos da natureza; estabelei-lhes as leis, e não ambicioneis penetrar no profundo mechanismo da *causa intima*.

Eis o sublime evangelho da nova propaganda.

VII.

Nenhuma, mais que a Physiologia, sentiu o influxo benefico, que derramaram as tendencias dos espiritos hodiernos.

Nenhuma, mais do que ella, sentiu a seiva ardente, que lhe infiltrava uma nova vida.

Para ella fôra, é verdade, um pouco mais tarde; porque os operarios, á quem coube o trabalho, deixaram-se transviar.

Era impossivel, com tudo, por mais tempo ficarem na estrada á descansar.

Nas Sciencias phisicas a cadêa, que as une, é unica. Desde o primeiro até o derradeiro elo se prendem seus fadarios.

Nas lutas penosas e desconsoladoras, porque passou, durante tantos seculos, a Physiologia commetteu graves erros.

A continuar assim, teria, quem sabe! desmoronado pela base o edificio da verdadeira sciencia.

Hoje assentada no mesmo banquete, se apresenta, ao lado de suas irmãs, com as mesmas galas, com o mesmo brilho.

O epitheto de *romance*, como escarneo de tantas derrotas, não pôde, hoje, ser-lhe lançado á face.

Em verdade; o que era a Physiologia antes dos trabalhos do seculo actual?

Vai nos dizer a historia.

O *antigo animismo* abraçado então pela maior parte dos philosophos reconhece um *principio vivificador*, uma *alma unica*, espalhada por todos os seres da natureza.

Para Platão e Aristoteles, ha mais de uma.

A escola de Còs, orthodoxa até nas formulas mais comesinhas, quer achar na natureza a arca santa de suas crenças,

Paracelso procura nos segredos da *arte cabalistica* a vida, e nos differentes *astros* a influencia especial sobre o corpo.

Van-Helmont colloca o principio da vida no orificio cardiaco do estomago. É o grande *archêo* com seus *archêos subalternos*, em cada viscera, estabelecendo o *consensus unus* em todo organismo.

Para Stahl os phenomenos vitaes se achão intimamente ligados á acção directa da *alma*: o corpo é seu instrumento.

Não fica ali a mystificação.

Em suas soberbas tentativas de explicar a vida, a Physiologia ia, com largos passos, cada vez mais retrogradando.

As doutrinas *iatro-mecanicas* e *iatro-chimicas* invadem de uma vez seu territorio. As ideias de effervescencia do chylo, por meio de um acido, de um alcali, ou de um sal volatil, ou do enxofre, desenvolvendo o *calôr vital*, nunca tomarão tamanho vulto.

Boerhave, Sauvages, etc. de um lado, e de outro Sylvio e Willis, são seus primeiros asseclas.

No embate destas diversas seitas, apparece revestido de novos ouropeis, o *vitalismo*.

Barthez, principal personagem do novo drama, toma á peito de continuar a obra começada por Bordeu, Glisson e Haller.

Mas, desta feita, o *principio vital*, *entidade abstracta*, independente, é distincto das forças geraes de materia e da alma.

Lordat, o oraculo da escola de Montpellier, se encarrega de sustentar, á todo custo, seus fundamentos.

Bichat, querendo reagir contra os *ultra vitalistas*, apesar de sagáz experimentador, cahe, com suas *propriedades vitaes*, no mesmo erro; porque continúa á considerar a vida em uma luta perpetua contra as *forças physico-chimicas*.

Entretanto desse cháos immenso, ainda se alevantam alguns experimentadores. Os nomes de Azelli, Pecquet, Fontana, Spallanzani, Harvey, etc., não devem ser esquecidos. Estes não se deixaram arrastar no turbilhão dos *systematistas*. Ao genio deste ultimo coubera a gloria de completar a revolução, talvez a mais importante das sciencias biologicas.

Não podia, não devia mesmo a Physiologia constituir-se sobre taes elementos. Havia de naufragar no escavado mar das hypotheses, si outra bussola não lhe dirigisse o rumo.

E em verdade; donde, repito, dáta a sua historia, senão dos trabalhos do começo do seculo actual?

Antes disto vejo só a duvida, e o mysterio; eu vejo só em lugar da verdade o erro.

VIII.

No centro do movimento tempestuoso dos differentes systemas, estava reservado á Magendie a ideia suprema de reconstituir, em seu seio, o methodo experimental.

A elle coubera tambem a magna empresa de mostrar, que ella não devia, na explicação dos phenomenos do organismo, conculcar o auxilio das sciencias physicas.

C. Bernardo dirige hoje o *horosco*po da Physiologia experimental.

De feito; o que seria da Physiologia, no mechanismo dos differentes movimentos, que se passam no organismo; no estudo da visão, da audição, da voz; si ella continuasse á abrogar as sabias leis da Physica?

Pois não é ella, que nos está ajudando, com suas leis mechanicas, com suas leis sobre pressões gazosas, á dar uma explicação mais cabal acerca da circulação e da respiração?

Pois não é ella, que está, emfim, com seus variados instrumentos amostrando tantos segredos, que se desmoronavam occultos nas profundezas da organização?

Mas não pára ahí.

A electricidade, — a alavanca talvez a mais poderosa dos modernos tempos, mudou tambem, por sua vez, a face da Physiologia.

As funcções do systema nervoso não são mais esse *mare-magnum*, aonde se debatiam as theorias absurdas.

Hoje, com os esforços de Flourens, C. Bernardo e outros, a Physiologia do systema nervoso se acha fundada em mais solidas bases.

Ha, todavia, muita cousa ainda á fazer. Nem todos os problemas tiveram uma solução completa, e satisfactoria.

Ao lado de tudo isso, apparece na revolução, operada pelo methodo experimental, um facto capital, e altamente importante: são os limites, que a Physiologia vai traçando aos dominios da Psychologia. Ahí estão os celebres trabalhos de Flourens, que têm comprovado as suas verdades eternas, as suas mais altas concepções.

Noem tanto muitos physiologistas não teem comprehendido a doutrina de Flourens. Chegarão até á confundir a intelligencia com a alma.

Não! a intelligencia não é a alma: a intelligencia é, sim, uma funcção do *cerebro*.

Foi bom, que pedissem venia. Ainda estão em tempo de capitular.

Eu sou, quem deve pedir venia aos adeptos do illustre Professor, por não aceitar sua theoria, acerca da séde do *principio da vida*, no *V da substancia cinzenta da medulla allongada*.

Expliquem, como quizerem a *morte fulminante*, pela lesão do *nó-vital*; mas não me digam, que alli está o *principio da vida*.

Não! a vida não existe alli só: existe, onde existe a organização.

E demais; eu creio, que a Physiologia já pôde explicar este phenomeno, que parece tão maravilhoso aos olhos dos *vitalistas*.

IX.

Por sobre as ruínas dos seculos passados se abraçam as Sciencias experimentaes. Não é menos tributaria da Chimica a Physiologia.

Em seus progressos, em suas applicações à Physiologia, tem lançado tanta luz sobre os feitos de seu dominio, que fôra requintada myopia negal-o.

Si não fôra ella, o mechanismo intrincado das transmutações organicas, não passaria do mysticismo o mais extravagante, adornado com hypotheses as mais seductoras.

Quantas verdades não brotaram, depois de sua legitima intervenção ?

Quantos phenomenos não teem recebido as suas leis ?

Aonde acharia a Physiologia, no estudo da digestão, das diversas secreções, das methamorphoses variadas, porque passa a mollecula organica, uma theoria mais satisfactoria?

Não se supponha, porém, que ella já dissesse a ultima palavra à Physiologia. Ha muitas questões, que ainda pedem uma solução. Ha, no theatro da organização muitos factos obscuros, sobre os quaes não estão assentados os verdadeiros fundamentos.

Eu creio, não obstante, que ella, continuando á rotear o campo vasto dos seus feitos, irá esclarecendo o que se demora nos penetraes da organização,—nos segredos da vida.

Eu penso, que a Physiologia, abençoando nella um anjo baixado para guial-a, chegará, com seus esforços, ao derradeiro marco de sua peregrinação.

Tal é a minha *profissão de fé*.

X.

Do grito instinctivo da conservação individual nasce a Therapeutica.

« Da primeira dôr dáta o primeiro remedio. »

O acaso é então o berço—o guia primeiro no descobrimento dos meios curativos.

A cadeia dos factos estende-se, todavia, no perpassar dos tempos, cada vez mais.

Novas observações, novas experiencias, vão *pari-passu* engrandecendo o seu horisonte.

Eis o que leio na porta no templo da *Sciencia*.

Não tardou, porém, que estes mesmos factos fossem o monopolio de uma seita.

Não sei-o bem, que ella fez. O que eu sei é, que tudo viveu, por espaço de sete seculos, na obscuridade dos tempos.

Foi necessario, que a Philosophia viesse arrancar-lhes de suas mãos, para ames-tral-os com outras vestes aos olhos do povo. Foi necessario, que ella viesse ligar os seus materiaes,—lançar os primeiros fundamentos do edificio scientifico.

Mas, enlevada em suas concepções desvairadas, deixa-se logo desencaminhar; e, em seus vôos, substitue a apreciação rigorosa dos phenomenos á pesquisa de sua *causa primeira*.

É assim que Pythagoras pretende explicar, por sua theoria, a molestia e a acção therapeutica dos medicamentos.

Democrito, pela *forma e situação dos atomos*; e mais outras doutrinas extravagantes, que foram surgindo á flôr da Sciencia.

Acron de Agrigento não se deixa, á despeito de tudo, seduzir-se: é o unico, que caminha nas vias da experimentação, e exforça-se para a therapeutica não re-negar o seu passado,

Nesse combate renhido, se apresentam as duas escolas rivaes, de Cós, e de Cnide.

A primeira é representante do *racionalismo*, e tem por chefe Hippocratis. A segunda é representante do *empirismo*, e tem por chefes Asclepiades e Thé-mison.

Aquella nega a *essencialidade ou especificidade morbida*, e consequentemente *therapeutica*. Esta admite a *individualisação pathologica, e especificidade the-raapeutica*.

A primeira, ainda que brilhante em suas apparencias, e, o que mais é, tendo á sua frente um dos maiores genios da antiguidade, transvia seus limites. A outra pouco póde construir; porque lhe falta o germen fecundo de toda Sciencia.

Para diante apparece a phase de decadencia para todas as Sciencias; e a The-raapeutica por sua vez descança nesse lethargo intellectual.

Ante o impulso dado ás tendencias naturaes do espirito humano á aperfeiçoar-se, na esphera de sua possibilidade, deviam cahir as theorias mais extravagantes, para por sobre as densas trevas da ignorancia e da superstição, renascer o clarão vi-vificador de toda Sciencia.

Á despeito desta magna revolução scientifica, a Therapeutica vê-se ainda do-minada pelas doutrinas biologicas as mais absurdas.

O *gallenismo* tem de ceder ás exigencias de Hoffmann e Cullen.

O *solidismo* sahe da *irritabilidade* de Haller.

Da *incitabilidade*, outra *propriedade vital* nasce a *dichotomia pathologica e therapeutica*—*diathese sthenica e asthenica*.

Rasori toma á si defender, embora algum tanto modificada, a ideia de Brown.

A escola de Paris quer, nesta epocha olhar para o passado, pelo órgão do immortal Laënnec. Pinel, porém, reage; porque só preoccupa-se dos posthunos factos do seu *nosologismo*.

Com a *irritabilidade* de Broussais, a Therapeutica derrama *ondas de sangue*, por espaço de alguns annos.

A Allemanha não quer tambem ficar sem sua doutrina therapeutica. Da cabeça de Hahnemann, sahe *meia duzia de globulos*.

XI.

Até ahi as doutrinas physio-pathologicos commetteram *mais males, do que bens*.

O principio fundamental e universal da Medicina pratica é arrastado por terra em seus turbilhões.

O *racionalismo*, por sua vez, pretende anniquilar o *empirismo*.

A therapeutica não é então mais, do que uma dedução rigorosa e immediata das leis physio-pathologicas.

A prova experimental não é mais o seu supremo criterio,—o fundamento immediato e primitivo das indicações therapeuticas.

As theorias hypotheticas sobre as leis da vida, sobre a natureza intima da molestia, buscam explicar a acção dos effeitos curativos.

Com ellas rompem-se todos os laços, que estabelecem o *accordo da sciencia com a arte*, da *theoria com a pratica*; e a Therapeutica é condemnada ás vicissitudes de opiniões erroneas e contradictorias.

O *verbo*, cheio de fé, de uma seita, que tanto trabalhou para os destinos da Therapeutica, perde-se no abysmo incommensuravel dos systemas os mais ridiculos.

Toda alliança era, realmente, impossivel.

O *racionalismo*, levando mesmo á peito dispersar os evangelistas daquella seita, não pôde, com tudo, matar a sua ideia suprema.

Ella havia de fecundar-se pouco e pouco pelo suor de novos trabalhadores.

A Sciencia e a humanidade tendem sempre para os mesmos fins.

XII.

O *emperi-methodismo* é, de feito, a unica bussola, que póde salvar a Medicina pratica do sopro violento das *theorias physio-pathologicas*.

Alguns de seus adversarios, que mais estigmatizaram-no, são hoje os seus mais vehementes apostolos.

O proprio Trousseau, que era o mais encarniçado *racionalista* destes tempos, acaba agora mesmo, em uma phrase cheia de eloquencia, de proclamar-o.

Na posse legitima de principios tam verdadeiros, não era muito, que a Therapeutica fosse, emfim, julgada. Não era muito, que seu *critério supremo* fosse, á final, derramado no sanctuario da Medicina pratica.

Si essa não é a verdade, então dizei :

Quem foi, que descobriu estes agentes poderosos, sem os quaes a Materia medica não seria nada? quem foi, senão a experiencia? e, quantas vezes, o acaso tambem?

Quem foi, que tem guiado as innumeradas conquistas da Therapeutica, senão o pharol brilhante da experimentação?

Não vão pensar, entretanto, que, com aceitar esta doutrina, eu quero estreital-a nos acanhados circulos do *empirismo cego* dos primitivos tempos.

Não! o *emperi-methodismo*, ou *empirismo racional* não condemna toda theoria. Pelo contrario é elle, que mais se abraça com ella; mas a theoria, assim comprehendida, nos verdadeiros limites das sciencias experimentaes.

Realmente: factos destacados, sem filiação, não podem constituir Sciencia. O raciocinio, e a theoria devem entrar como elemento essencial na construcção de todo edificio scientifico.

E, pois, a Therapeutica deve repellir de seu seio, como infundada, a classificação de *medicação racionais e irracionais*.

XIII.

Eu não preciso de muito esforço para demonstrar a importancia da Physiologia em relação á Therapeutica.

É a propria doutrina, que estou sustentando, que me vai fornecer, á toda evidencia, as provas mais robustas.

O seu axioma universal: « Toda medicação, que curar uma molestia, deve igualmente curar as molestias analogas. » —repousa sobre as condições seguintes:—homogeneidade das molestias, identidade dos meios curativos e o conhecimento o mais apropriado á cada especie morbida.

É, principalmente, na applicação immensa, difficil e espinhosa da primeira lei, que a Therapeutica precisa das luzes da Physiologia.

É, principalmente, esclarecendo a Pathologia, que a Physiologia, pôde engrandecer o circulo dos tentativos therapeuticos.

Onde, por ventura, acharia a Therapeutica a relação mais ou menos immediata de identidade entre muitos estados morbidos, si ella não fosse pedir o auxilio da Physiologia e da Pathologia?

Como estender á applicação de qualquer agente, que a experimentação, e, muita vez, o acaso reconheceu como capaz de produzir tal ou tal modificação sobre o organismo, si a Pathologia não vos disser qual é o órgão doente, qual a funcção perturbada?... e consequentemente a Physiologia as condições normaes e regulares?

Quantos caminhos não tem aberto a Physiologia á Therapeutica, no estudo das impressões variadas, nos effeitos, que produz tal ou tal medicamento no organismo são?

O que seriam os immensos recursos, de que a Therapeutica hoje dispõe, si á Physiologia não pedisse ella a mão para dirigil-a?

O que seria dos destinos da electricidade medica, impellida pelos trabalhos importantes de Bequerel, Duchene e Remak, em suas infinitas applicações, si a Therapeutica não se houvesse inspirado na Physiologia!

Por ventura, no estado dos differentes liquidos, das principaes funcções do organismo, no estudo experimental do sytema nervoso, e na acção especial de certos venenos, não tem ella derramado tanta luz á Pathologia, e *ipso facto* ás indicações therapeuticas?

Eu necessitava de entrar em uma demonstração mais minuciosa acerca do que acabo de dizer: lamento mesmo não poder fazel-o; mas isso me é impossivel.

E, pois, resumindo minhas opiniões, direi:

Que o *empiri-methodismo*, ou *empirismo racional*, é o *critério supremo*—a *ultima ratio da Medicina pratica*.

Que a Physiologia, porem a Physiologia experimental é de alta e magna importancia em relação á Therapeutica.

Que ella, longe de condemnal-o, é uma das mais largas bases, sobre a qual elle se assenta,

Si essa não é a verdade, eutão:—

« Deixai passar a justiça da historia. »

SECÇÃO CIRURGICA.

PROPOSIÇÕES.

ANATOMIA DESCRIPTIVA

Que differenças anatomicas ha entre nervos, e si dessas differenças se pôde deduzir quaes as suas respectivas funcções?

1.^a Até hoje se não tem descoberto caracteres anatomicos verdadeiramente differenciaes entre os tubos nervosos sensitivos e os tubos motores.

2.^a E, pois, nenhuma consequencia pôde por este meio ser deduzida, no que toca aos seus caracteres funcçionaes.

3.^a Todavia o facto do adelgaçamento, que soffrem os tubos em sua passagem atravéz da *substancia cinzenta* coincidindo com a ausencia n'estes pontos da bainha medullar, pôde, e provavelmente virá a ser ainda de grande auxilio á physiologia do systema nervoso.

ANATOMIA GERAL E PATHOLOGICA.

1.^a Os caracteres anatomicos, essenciaes á inflammação, são: a diminuição de calibre dos ramusculos arteriaes, coincidindo com a dilatação dos capillares; donde resulta congestão, stase e extravasão sanguinea, ou exsudação sorosa.

2.^a Alem destes, ha sempre augmento de peso especifico dos órgãos inflammados, e mudança de densidade.

3.^a Quando a inflammação passa o primeiro periodo de seu desenvolvimento, são os seus productos primitivos, principalmente, as pseudo-membranas e o pus.

PARTOS.

Da escutação applicada á prenhez.

1.^a De todos os meios, que o parteiro pôde lançar mão no diagnostico da prenhez, é sem duvida a escutação o mais importante.

2.^a O ruido devido aos batimentos cardiacos do feto é um signal carecteristico da prenhez. pôde algumas vezes precisar a posição do feto.

3.^a O ruido do sopro só pôde ter importancia, quando o medico—parteiro chegar á reconhecer, que não é terminado por outras causas.

CHIMICA EXTERNA.

Do tratamento da gangrena espontanea.

1.^a A primeira e mais urgente indicação, no tratamento da gangrena spontanea, é fazer paralyzar a sua marcha: é isso, infelizmente, quasi sempre impossivel.

2.^a Todos os meios reconstituidores devem ser prescriptos: a quina, as limonadas acidas, são os mais efficazes.

3.^a Convém, demais, sobre a parte affectada applicar unguentos estimulantes, fomentações aromaticas e anti-septicas.

OPERAÇÕES.

Determinar os casos em que se deve praticar a trepanação.

1.^a A operação do trepano, empregada como meio curativo da hemicrania, epilepsia, e, em geral, de affecções puramente nervosas, tem, até hoje, produzido menos vantagens do que inconvenientes, e graves.

2.^a Acho desnecessaria, e quasi sempre prejudicial a trepanação—chamada preventiva.

3.^a As principaes indicações d'esta operação, como meio curativo, são: a presença na caixa craniana de um corpo extranho, susceptivel de extracção, ou de esquirolas osseas provenientes da fractura do craneo; ou, finalmente, a existencia de productos accidentaes.

PATHOLOGIA EXTERNA.

Será a arterite a causa unica da gangrena espontanea das extremidades.

1.^a A arterite, é realmente, a principal causadora da gangrena espontanea.

2.^a Entendo, todavia, e arrimado na opinião de praticos authorisados, que podem produzi-la todas as lesões da arvore arterial, capazes de embaraçar a circulação das extremidades: taes são as ossificações, e degenerações steatematosas, quando occupem grande extensão.

3.^a Reputo, pelo menos, problematica a opinião do Snr. Godin—de que as lesões arteriaes produzem a gangrena secca, ao passo que a humida seja sempre occasionada pelas lesões das veias.

SECÇÃO MEDICA.

PROPOSIÇÕES.

PHYSIOLOGIA.

Como se explica a calorificação animal.

1.^a A calorificação animal, que tem seu principal fóco na profundidade do organismo, é o resultado de oxidações e outras reacções lentas e incessantes, que ahi se operam.

2.^a A theoria de Lavoisier, ligando-a aos phenomenos de combustão directa entre o carboneo e hydrogeneo do sangue e o oxigeneo absorvido, não pôde, em face da Sciencia, ser mais aceita.

2.^a É um facto inconcusso, que o systema nervoso influe tambem sobre a calorificação animal. Ahí estão as experiencias de C. Bernardo, para, á toda evidencia, o demonstrar.

PATHALOGIA GERAL.

Influencia morbifica da herança.

1.^a A herança não é só uma physiologica, é tambem uma lei pathogenica.

2.^a Para mim não se transmittem os estados morbidos. O que se transmitta é a constituição organica, a predisposição morbida.

3.^a É, pois, a Hygiene, que deve aqui mais intervir. Si não fôra ella, eu penso, que a herança morbifica teria arrastado, ha muito, em seus fataes desenvolvimentos, a degeneração da especie humana.

CLINICA MEDICA.

Da pathogenia e tratamento da dysenteria.

1.^a Com quanto a Anatomia Pathologica comprove a existencia de alguns cara-

teres de uma phlegmazia intestinal, ha, todavia, na pathogenia da dysenteria, alguma cousa de obscuro.

2.^a As medicações—purgativa e substitutiva—são, no tratamento da dysenteria de maior recurso.

3.^a É assim que o calomelanos, e a ipecacuanha, e outros meios substituidores, são os agentes os mais efficazes.

PATHOLOGIA INTERNA.

Qual a sede histologica da pneumonia.

1.^a Ainda a Anatomia Pathologica não poude, á despeito de seus esforços, precisar a sede histologica da pneumonia.

2.^a Parece, que, no seu primeiro gráu, são mais commumente affectadas as vesiculas pulmonares.

3.^a E, pois, deve continuar a ser definida a *pulmonite*, — a inflammação do parenchima pulmonar.

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA.

Acção physiologica e therapeutica das preparações antimoniaes.

1.^a Acção local irritativa e evacuant; acção dinamica—*hyposthenisante*; eis os efeitos, que determinam os preparados antimoniaes.

2.^a Quer n'uma, quer n'outra acção, eu aceito a theoria de Mialhe.

3.^a É nas inflammações, e maxime na pneumonia, e no rheumatismo articular agudo, que as preparações antimoniaes são mais vantajosas.

HYGIENE.

Qual a importância das observações metereologicas no estudo das epidemias.

1.^a Até agora pouco ou nada ha esclarecido á epidemiologia o estudo das observações metereologicas.

2.^a Entretanto é um problema de magna importancia, de cuja solução ganhará muito a Sciencia.

3.^a Os trabalhos de Scoultet tendem á assentar á este respeito alguma cousa de positivo.

SECÇÃO ACCESSORIA.

PROPOSIÇÕES.

BOTANICA.

Absorpção nos vegetaes.

1.^a Todas as partes verdes dos vegetaes concorrem para a absorpção, bem que sejam as raizes—no maior numero, e as folhas—em alguns os orgãos peculiares á esta funcção.

2.^a As leis da *osmose*, cujo descobrimento devemos á Dutrochet, são sufficientes para explicar a absorpção nos vegetaes.

3.^a Supponho errada a opinião dos que sustentam que por uma certa força electiva podem as raizes absorver tal ou tal corpo em solução, ao passo que recusem-se ao mesmo acto para com outros corpos determinados.

CHIMICA ORGANICA.

Theoria chimica da respiração.

1.^a As experiencias do Sr. Brown-Sequard, sem decidirem entre as opiniões dos Srs. Liebig e Harley acerca da respiração, provam comtudo, que são os globulos sanguineos os vehiculos exclusivos do oxigenio na economia.

2.^a Todas as experiencias tendem além disto á provar, que aquelle gaz acha-se, não em estado de simples dissolução no sangue, mas em uma verdadeira combinação, embora ephemera.

3.^a A theoria chimica da respiração, do Sr. Mitscherlich, parecendo ser a que melhor se presta á explicação dos phenomenos, necessita comtudo ainda em muitos pontos da sancção experimental.

CHIMICA MINERAL.

Historia chimica do enxofre.

1.^a A historia chimica do enxofre está intimamente ligada á dos seus congeneris —o oxigenio, o selenio e o tellurio.

2.^a Ha uma correlação manifesta entre os estados allotropicos do enxofre e suas funcções chimicas.

3.^a É fundado nisso, que o chimico pode prever as propriedades de tal ou tal variedade de enxofre proveniente de tal ou tal combinação, segundo fôr positivo ou negativo o papel electrico que nella representar aquelle corpo.

PHARMACIA.

Alcoolatos.

1.^a Chamão-se alcoolatos aos medicamentos liquidos, que resultam da distillação do alcool sobre uma ou mais substancias aromaticas, vegetaes, ou animaes.

2.^a Em geral os alcoolatos são menos activos que os hydrolatos correspondentes.

3.^a Na preparação dos alcoolatos, convém algumas vezes macerar as substancias, e sempre, que o alcool seja purificado.

MEDICINA LEGAL.

Podem-se distinguir as queimaduras feitas antes das produzidas depois da morte?

1.^a Com Orfila, Devergie, Christison e outros, somos levados á affirmar, que existe sempre uma grande differença entre os caracteres das queimaduras feitas antes e depois da morte.

2.^a Essa differença nota-se, segundo Casper, ainda quando tenha sido produzida a queimadura apenas alguns minutos após a cessação da existencia.

3.^a A sombra pois de praticos tão abalisados, creio poder assegurar que nenhuma confusão pode actualmente haver para o medico-legista sobre a questão ver-tente.

PHYSICA.

Que applicações se podem fazer da Physica á Hygiene.

1.^a São incontestaveis as vantagens que colherá a hygiene das observações meteorologicas, as quaes são do dominio da physica.

2.^a Entre outras applicações desta sciencia, lembrarei as que dizem respeito aos applicata.

3.^a Uma das mais brilhantes applicações da physica á hygiene demonstra-se na invenção dosapparelhos caloriferos e ventiladores.